A SEMENTE GERMINA

SEMINÁRIO CONCÓRDIA
1903

ENSAIOS TEOLÓGICOS

A SEMENTE GERMINA

A SEMENTE GERMINA

ENSAIOS TEOLÓGICOS

CONCÓRDIA EDITORA LTDA
Av. São Pedro, 633 - Bairro São Geraldo - CEP 90230-120
PORTO ALEGRE - RS - Fone: (051) 342-2699 - Fax: (051) 343-5254

A SEMENTE GERMINA - Ensaios Teológicos
Diversos Autores - 1ª Edição - 1997

Todos os direitos reservados à:
Concórdia Editora Ltda., Porto Alegre, RS

Revisão:
Darcy Bauer e Dieter J. Jagnow

Diagramação:
Evandro Fernandes

Capa:
Concórdia Editora Ltda.

Coordenação Editorial:
Paulo P. Weirich

Produzido por:

CONCÓRDIA EDITORA LTDA
Av. São Pedro, 633 - Bairro São Geraldo - CEP 90230-120
PORTO ALEGRE - RS - Fone: (051) 342-2699 - Fax: (051) 343-5254

Palavra de Gratidão

A SEMENTE GERMINA é um título, um fato. O fato é a obra que está sendo realizada, é o Seminário Concórdia. Ele nasceu pequeno no distante ano de 1903. Era, na verdade, uma pequenina "semente". Na sua diminuta dimensão, todavia, não se podia prever a extensão da obra que então principiava. O seu germinar deu início àquilo que é, hoje, um marco expressivo da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, pois é impossível falar da Igreja Evangélica Luterana do Brasil sem deixar de mencionar o Seminário Concórdia. Por ter a semente germinado sob as bênçãos do Deus gracioso, a igreja vem colhendo frutos preciosos nas pessoas dos pastores preparados, formados e servidos por esta escola. Sim, a semente tem germinado!

O lançamento deste livro abre as comemorações dos 95 anos de existência do Seminário Concórdia de São Leopoldo. Os frutos dessa semente, que tem germinado, não se esgotam nos pastores formados aqui. Estes, sem dúvida, são preciosos para a igreja, porém não os únicos. Publicações teológicas também são resultados do germinar da semente. Logo, assim consideramos este livro. Ele se propõe oferecer subsídios para a reflexão dos seus leitores ávidos em crescer no seu pensar e fazer teológicos. Muito embora não seja esse o seu único propósito, leva consigo, também, o nosso desejo de saudar, através dele, a presença dentro da igreja, já por quase 95 anos, de uma obra que se impõe pela bênção de Deus, apesar do seu começo singelo.

Destacamos, com carinho, o nosso agradecimento aos colegas presentes neste livro através do que produziram. Tínhamos o desejo de incluir a publicação de um livro nas comemorações da data tão relevante em nossa história. Com os seus dons e esforços, os colegas autores propiciam a possibilidade de realização de nosso desejo. À nossa gratidão junta-se uma palavra de incentivo a esses colegas e a todos os demais que vêem, na produção escrita, uma forma de exercitar os dons a serviço do reino de Deus. Continuem os que já se lançaram nesta aventura, e os que ainda não se colocaram no lugar de partida, façam isso, pois, apesar de ser uma marcha com obstáculos, ela acontece ao embalo do prazer de repartir, com outros, o resultado de nossas descobertas naquilo que Deus nos revela por sua Palavra.

Que a semente continue germinando! Assim rogamos ao Senhor.

Paulo Moisés Nerbas
Diretor do Seminário Concórdia,
São Leopoldo, RS

cipar do seu sofrimento e da sua desgraça e quero carregá-los para vocês, para que também vocês, por sua parte procedam dessa maneira para comigo e uns para com os outros...para que um carregue o outro desta maneira." [1]

Mais adiante, descrevendo o resultado do correto ensino e administração da Santa Ceia, Lutero completa: "Assim (comendo o pão e bebendo o cálice sacramental) somos transformados um no outro e nos tornamos comuns uns aos outros através do amor, sem o qual não pode haver transformação." [2]

Teologia que busca o ser humano, que se encarna para transformar a realidade partilhando a comunhão de Deus, é teologia da realidade divina que se encarna no concreto humano.

Esta teologia não pode silenciar, nem ser silenciada. É teologia que está permanentemente desafiada a agir, na defesa e no ataque, contra a teologia humana, que promete o que não cumpre e que dá ao ser humano a ilusão de que é possível salvar-se sem sair dos arbustos da própria fantasia a respeito de Deus. E, por isso, nada sabe do amor de Deus.

O Seminário Concórdia e os professores que lhe serviram ao longo da sua história têm formado pastores que foram até o povo, preocupados primordialmente em dizer do amor salvador de Deus revelado em Jesus Cristo. A realidade para a qual os futuros obreiros estavam sendo preparados alterou-se radicalmente num período muito curto. O esforço de estar à altura do desafio de um ministério encarnado, comungante (no sentido em que Lutero o expressa acima), tem sido visível. A SEMENTE GERMINA é um testemunho de que, reconhecendo que o passado teológico da instituição é valioso, a teologia não pode parar. É necessário correr os riscos de falar teologicamente na realidade, pois não existe outra forma de Teologia Cristã.

Mas teologia que corre o risco de ser teologia na realidade e no concreto necessita de fundamentação e balizamento seguros. E o leitor vai sentir, ao longo dos Ensaios Teológicos, esta tensão que faz germinar a boa semente: teologia que busca a comunhão na realidade humana, mas que não quer deixar o balizamento seguro que lhe deu segurança até aqui.

A Igreja Evangélica Luterana do Brasil recebe, com alegria, este trabalho pelo qual o Seminário celebra, nos seus 95 anos, a acelerada aproximação do seu centenário e o marco de um milênio, que convidam a deixar registro do seu momento teológico.

O Editor

[1] LUTERO, Martinho, Obras Selecionadas, ed. Comissão Interluterana de Literatura. 1987. vol. 1, p. 432

[2] Ibid., Ibid., p. 434

Sumário

Palavra de Gratidão 07

Apresentação 09

Sumário 11

Educação Teológica: *Do Sola Gratia à Educação Teológica* 13

Ensaio Teológico Educacional 22

Teologia Literária: *A Igreja Cristã e o Fenômeno da Contextualização* 28

Estudo no Salmo 110 53

Guerra Santa no Antigo Testamento 74

Autoridade na Igreja 85

Pregação Criativa 95

A Prática Psicológica e a Formação Pastoral no Seminário Concórdia da IELB 114

Aconselhamento a Relapsos 121

A Pregação: Aspectos Teológicos e Práticos 131

Os Discípulos de Jesus no Evangelho Conforme Mateus e a Formação Teológica Hoje 154

A Leitura Bíblica no Luteranismo Confessional 166

Texto, o Véu, e o Leitor: Implicações Hermenêuticas de 2 Coríntios 3. 14-18 186

Perspectivas da Educação Teológica na IELB 193

O Atrativo da Eclesiologia Confessional Luterana: Coerência Evangélica e Contexto Católico 201

EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

DO SOLA GRATIA À EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

O título deste trabalho não exige grande exercício mental, para se descobrir o tema a ser abordado. Pelo contrário, fornece logo a idéia que estimulou o autor a se decidir sobre o que escrever, quando convidado a participar desta publicação festiva. Movido pela esperança de buscar evidências para destacar o princípio do Sola Gratia como fonte de estímulo para a atividade na educação teológica desejada pela Igreja em seus diversos níveis, desenvolvi uma reflexão e pesquisa cujo resultado aqui se apresenta. Espero transmitir, com clareza, o que concluí, ou seja, que é necessário destacar o valor da constante reflexão sobre a relação Sola Gratia / educação teológica, sendo o primeiro o ponto de partida para qualquer movimento em direção à segunda. Há possibilidades de aprimorar a nossa educação teológica sempre que ela for desenvolvida sob a inspiração do Sola Gratia. Tal aprimoramento, entendo-o possível a partir da presença constante do Sola Gratia motivando, acompanhando e direcionando corretamente a atividade que promove a educação teológica, não importa se nas congregações ou nos seminários da igreja, pois sua importância e valor nesse sentido não conhece fronteiras.

Educar implica exercer uma atividade. Somos solicitados a exercer múltiplas atividades e não há como atender a todas as solicitações, razão por que se impõe a necessidade de se observar um processo de seleção, preferindo algumas em detrimento de outras. O critério que julga o que é prioridade em tantos agires que nos são propostos exige uma avaliação em torno do valor de cada um, a fim de concluirmos se há ou não motivo para ser posto em prática. Há razão para uma igreja permanecer atenta à educação teológica nela desenvolvida? Há razão para teologizar? Não é nesse momento que aparecerá a resposta para esse questionamento, pois ela se evidenciará ao correr do trabalho. Não deixo, contudo, de observar introdutoriamente que teologizar não se restringe a um mero exercício intelectual à mercê das preferências de um ou outro cristão. Não; a igreja teologiza na pretensão de entender fielmente o significado da Palavra de Deus para o mundo, visando, com isso, a justificar a sua presença no mundo. "...fazei discípulos... ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado..." (Mt 28.19,20). Cabe ao que teologizar lembrar que:

> *O conhecimento de Deus e do ser humano é a sabedoria divina e propriamente teológica. Tal conhecimento refere-se ao Deus que justifica e ao ser humano pecador, de modo que o tema da teologia é, propriamente, o ser humano réu e perdido e o Deus que justifica ou salva. Tudo o que se procura fora desse assunto ou tema é puro erro e futilidade na teologia.*[1]

POR QUE EDUCAR TEOLOGICAMENTE?

Engana-se quem julga que educação teológica faz parte apenas daquele "mundo" que se esconde dentro das instalações de uma Faculdade de Teologia. Não há dúvida de que professores e estudantes de Teologia ocupam posição de vanguarda no universo englobado pela Teologia, até por força do ofício e atividade de cada um. Dos professores aguarda a igreja, entre outras coisas, capacidade para orientar os candidatos ao santo ministério na sua jornada em busca da formação necessária. Destes espera-se que aproveitem com máximo empenho o período que lhes é oferecido para se equiparem com os recursos indispensáveis a fim de abraçarem a missão de ministros do Evangelho. Se, todavia, entendermos de forma mais ampla a educação teológica e a reconhecermos como tarefa da igreja como um corpo ou povo de Deus, concluiremos que se trata de um agir que envolve pastores, professores em diversos níveis, diáconos, diaconisas, dirigentes de estudos bíblicos, pais, enfim, todos, pois onde se encontra um cristão, ali está um representante da igreja encarregado pelo Senhor dessa a, de uma forma ou de outra, colocar nem que for um pequeno raio de luz no seu ambiente.

A igreja está colocada num mundo que é, ao mesmo tempo, duas coisas para ela. Primeiramente, constitui-se no palco de sua atuação, pois ela não está acima nem fora do mundo, pelo contrário, encontra-se nele. Em segundo lugar, é um palco que impõe desafios constantes mas mutáveis em suas características, colocando em xeque permanente a habilidade e perseverança de quem nele age. A habilidade é testada no cumprimento do desempenho determinado pelo diretor - Cristo. A perseverança surge como requisito para não interromper a atuação, apesar dos obstáculos previstos e imprevistos. Está sendo a IELB hábil e perseverante?

Mais de noventa anos de existência permitem-nos ainda chamar a IELB de uma igreja jovem. A sua juventude, contudo, não a livra da responsabilidade de caminhar com pernas próprias. Para tanto, carece de um processo contínuo de aprendizagem para saber dar passos firmes e na direção correta. Ora, nessa aprendizagem, encontra-se a presença da educação / instrução. Não há como caminhar firme e no rumo acertado sem aquele

[1] Edição de WEIMAR 40//II.327. 11-3283. IN: LUTERO, Martinho. - *Obras Selecionadas*. Sinodal/Concórdia, São Leopoldo/Porto Alegre, 1993. v.4, p.9.

componente básico e indispensável que se chama educação. A jovem Igreja surgida após a Reforma também foi obrigada a caminhar sozinha. Havia objetivos claros a serem alcançados, cujo cumprimento era aguardado por muitos, entre eles o próprio reformador Lutero. A distância, todavia, entre a igreja e a realização dos objetivos mostrou-se enorme. Em razão do quê? Da carência de instrução adequada. Lutero é capaz de nos levar para dentro daquele quadro de miséria educacional, pois nele ingressamos na leitura daquilo que o reformador escreveu no prefácio do Catecismo Menor:

> *A lamentável e mísera necessidade experimentada recentemente, quando eu fui visitador, é que me obrigou e impulsionou a preparar este catecismo ou doutrina cristã nesta forma breve, simples e singela. Meu Deus, quanta miséria não vi! O homem comum simplesmente não sabe nada da doutrina cristã, especialmente nas aldeias. E, infelizmente, muitos pastores são de todo incompetentes e incapazes para a obra do ensino. Não obstante, todos pretendem o nome de cristãos, estão batizados e fazem uso dos santos sacramentos.*[2]

O que havia, portanto, naquela bem jovem igreja? Gente ostentando o nome de cristãos, porém não sabiam caminhar como cristãos. A providência tomada por Lutero no sentido de sanar o mal foi bem determinada: educar o povo, colocando o catecismo nas suas mãos.

O exemplo da Igreja surgida com a Reforma não foi lançado para provocar ímpetos de compará-la à IELB de hoje. Quer apenas destacar a necessidade de educar. Educar a igreja para que aprenda a caminhar e assim desempenhe a sua tarefa. Como mencionado, não se trata de comparar a IELB à Igreja pós-Reforma, mas o que entra em análise é como se desenvolve o processo de educação em nossa igreja. Nesse ***como*** não podemos esquecer os desafios que o palco (mundo) oferece para quem está agindo (Igreja). Há inspiração da parte dos cristãos para serem hábeis no confronto com tais desafios que não são os mesmos de trinta anos atrás? Ou nossa inspiração se limita a seguir estratégias educacionais que, em face de um mundo mudado e em mudança, não são as mais indicadas por pertencerem a épocas que já ficaram num passado distante? Ser igreja responsável não significa apenas cumprir com zelo um determinado programa de ação. É mais do que isso; não dispensa a permanente análise sobre o alcance e aplicabilidade do referido programa no contexto e na época de atuação da igreja. Assim fez Lutero. Após constatar a miséria espiritual do povo e de quem deveria ensinar, não ficou só no lamento da situação deplorável. Caso assim tivesse permanecido,

[2] LIVRO DE CONCÓRDIA. Sinodal/Concórdia, São Leopoldo/Porto Alegre, 1980. p. 363.

teria sido um perfeito protótipo do cristão e líder acomodado, que grita vendo o leite derramado, porém não se movimenta para impedir que assim continue. Felizmente, o reformador deixou-nos o exemplo de homem de ação num palco que exigia dedicação, determinação e habilidade. Com tais qualidades, elaborou os catecismos e os colocou nas mãos da igreja. Foi a ação estratégica julgada por ele como eficaz na época. O valor pedagógico dos catecismos continua imutável, pois nos expõe uma doutrina que é imutável. Não é demais questionar, entretanto, sobre o ***como*** ou a ***forma*** pela qual tão extraordinário conteúdo está chegando aos olhos e ouvidos do povo cristão. Nesta mesma direção, podemos levar o questionamento sobre toda a mensagem que a Igreja é chamada a proclamar.

O que foi desenvolvido até o momento pode ser entendido como uma sadia provocação para se refletir sobre o que se fez, se faz, se pode fazer e se fará no que tange à educação teológica. Caso se conclua que há necessidade de melhoras, não basta somente dizer ***irei melhorar***, pois tal pretensão provavelmente terá fôlego curto e cessará após algumas tentativas iniciais. A verdadeira motivação para se buscar melhorias é evangélica, não parte do homem, não nasce na sua boa intenção, não é fabricada por apelos dramáticos ou comoventes. É evangélica no pleno sentido do termo, porque é notícia, é nova, é boa notícia trazida ao homem por aquele que verdadeiramente conhece o homem: Deus. Só ele é capaz de fazer surgir uma motivação eficiente, que se mostre mais forte do que a potência dos movimentos contrários às coisas de Deus produzidos em nós pelo pecado. Tal motivação não nos é natural, pois, como todos os outros seres humanos, também não aceitamos naturalmente as coisas do Espírito de Deus (1 Co 2.14).

Onde encontrá-la então? Apresenta-a à Fórmula de Concórdia, no Artigo III (*Da Justiça da Fé diante de Deus*), na Declaração Sólida, seção 7 e Epítome, seção 10. Faz parte das assim chamadas ***particulae exclusivae***. Trata-se do *Sola gratia*, ou, mais precisamente, da *Gratia*, pois o Sola qualifica a função da *Gratia* como um dos três pilares da Reforma: *Sola Scriptura, Sola Gratia, Sola Fide*. Será oportuno incluir o Sola *Gratia* (ainda mais conservando o latim) num trabalho às vésperas de um novo século? Não vem a ser uma preocupação anacrônica? Sim... *Sola Gratia*... ainda?

SOLA GRATIA... AINDA?

A validade do *Sola Gratia* não depende da época em que se encontra o mundo, pois ele não é apenas a resposta aos anseios de uma época. Caso assim fosse, passada esta, o *Sola Gratia* tornar-se-ia obsoleto e pouco ou nada teria a dizer ao povo de outros tempos. *Sola Gratia* relaciona-se com uma necessidade do homem. Enquanto o mundo não chegar ao final, haverá

homem. Logo, o que o *Sola Gratia* lhe transmite continuará em validade, independentemente dos avanços ou regressos das conquistas e realizações humanas, pois estas nunca descobrirão algo que o liberte da carência que somente a mensagem do *Sola Gratia* é capaz de suprir.

Quem é esse homem carente? Onde se encontra? Não está representado apenas pelos alunos que estão diante do professor na sala de aula. Igualmente, não o vemos somente nas pessoas confiadas aos cuidados de um pastor. E, ainda, não será identificado unicamente entre aqueles que se encontram sob a direção de uma igreja conhecida por tal e tal nome. Esse homem se apresenta a cada um de nós a partir da descoberta da resposta à pergunta sumamente existencial expressa por um desafiador: quem sou? Sim... quem sou? Não importa agora como me apresento ao próximo. Desaparece, no contexto dessa pergunta, a distinção entre o que fazemos, o que conhecemos, as diferentes funções exercidas na igreja ou na sociedade. Por detrás de tudo aquilo que identificamos como diferenças, esconde-se uma comunhão que, às vezes, fazemos questão de olvidar ou afastar, mas que é evidente e indestrutível. Temos em comum com quem quer que seja a condição de criaturas. Nessa condição, a resposta do quem sou? não virá de outra fonte, a não ser daquele que é o Criador. Colocada agora essa afirmação, parece ser apenas algo dito a priori e sob a necessidade de prova. Pois essa é fornecida pelo Criador e se constitui naquilo que vem a ser o tema da Teologia, ou seja, ocupar-se da relação entre o ser humano, a criatura, na qualidade de réu perdido e condenado, e o seu criador, o Deus que vem à procura do condenado para salvá-lo. Afinal, quem sou sob o juízo daquele que me criou?

Quem sou? Qual a nossa situação existencial por origem dentro do relacionamento criatura / Criador? Sob inspiração divina, o apóstolo Paulo afirma que o homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente (1 Co 2.14). Conversando com Nicodemos, Jesus declarou que é necessário nascer de novo para ver o reino de Deus (Jo 3.3), pois o primeiro nascimento coloca-nos num estado de separação do Rei. A causa disso é denunciada por, entre outros, Davi, no Salmo 51.5. Baseados no testemunho bíblico, os confessores de Augsburgo declararam que ... sem a graça, o auxílio e a operação do Espírito Santo, o homem é incapaz de ser agradável a Deus, temê-lo de coração, crer, ou expulsar do coração as más concupiscências inatas"[3] pois, desde o ventre materno, todos estão plenos de concupiscência e inclinação más e, por natureza, não podem ter verdadeiro temor de Deus e verdadeira fé em Deus".[4]

[3] LIVRO DE CONCÓRDIA. *Confissão de Augsburgo* XVIII, 2.
[4] LIVRO DE CONCÓRDIA. *Confissão de Augsburgo* II, 1.

Comungamos com todos os demais seres humanos, portanto, dessa situação de criaturas carentes por natureza da maior necessidade, que vem a ser a capacidade para temer de coração a Deus e nele crer verdadeiramente. A situação piora ainda mais quando descobrimos que o pecado hereditário, causador da separação entre criatura e Criador é realmente pecado, cuja conseqüência é a condenação à eterna ira de Deus. O que vemos, pois, quando voltamos os olhos para nós próprios? Nada que nos diferencie das demais criaturas humanas em nossa condição de homens à frente do Deus Criador. Não passamos de réus perdidos e condenados, sob o impacto dessa descoberta, ouvimos Rm 3.23 confirmando tudo ao dizer: pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.

Descoberto o ***quem sou?***, principia uma nova procura, cujo resultado não será tão deprimente como o da anterior. A reflexão sobre o relacionamento criatura / Criador volta-se em direção ao último, visando especificamente a conhecer qual a reação dele diante da criatura cujo primeiro movimento de sua existência se caracteriza por ser contra o Criador. Embora a sua Palavra nos revele um Deus santo e justo, que não tolera pecado na sua presença, pelo contrário, exige punição do mesmo, uma exigência séria, não fictícia ou de aparência apenas, a mesma Palavra também nos conduz a um Deus onde encontraremos a *Gratia*. Ele é graça. Toda a grandeza da graça divina irrompe, quando contrastada com a nossa miséria de criaturas. Melanchthon resume essa evidência quando escreve: Não se pode entender a magnitude da graça de Cristo, senão depois de conhecidas nossas enfermidades.[5]

Na afirmação de Melanchthon, há destaque para um aspecto da graça divina que muito impressiona: sua magnitude. Por que impressiona? Porque cobre tudo aquilo que nos falta em razão da nossa carência original. Falta-nos capacidade para nos dirigirmos a Deus; por sua graça, ele vem a nós. Falta-nos justiça para nos aproximarmos dele; em sua graça, ele nos cobre com a justiça de Cristo. Falta-nos qualquer chance para escaparmos da condenação merecida por causa de nosso pecado; em sua graça, ele nos presenteia com o perdão alcançado por Cristo. Falta-nos poder, em razão do velho homem, para viver em retidão mesmo após convertidos; em sua graça ele não nos rejeita quando, em arrependimento, recorremos à sua misericórdia. Falta-nos, finalmente, mérito para ousarmos dele receber qualquer movimento benigno em nossa direção; em sua graça, por causa de Cristo (*favor Dei propter Christum*), ele nos recebe, apesar da falta de méritos de nossa parte, pois nos atribui os méritos de seu santo Filho.

[5] LIVRO DE CONCÓRDIA. *Apologia II*, 33.

Ocupa-se, portanto, a graça de Deus em engrandecer e dignificar quem nasceu na miséria e indignidade. Este *quem* não é um sujeito indefinido; ele tem nome: chama-se EU, fulano de tal. É diante dessa verdade inegável que fica estabelecida a direção que será seguida pelo educador ou teólogo na sua atividade de transmissor e ensinador das verdades divinas e eternas. O olhar para frente visando a delinear o rumo a seguir não dispensa o olhar para trás e esse se fixa na ação libertadora do Deus gracioso em prol do miserável e indigno EU. Na miséria, era escravo de um tirano terrível, Satanás. Na miséria, colhia como resultado das minhas ações somente as coisas de que agora me envergonho, porque o fim delas é a morte (Rm 6.21). No entanto, *propter Christum Sola Gratia* Deus me engrandeceu e dignificou, operando em mim a regeneração, o nascer de novo, despertando-me da morte e me exaltando com o ingresso numa vida onde ele me adota como filho amado. Por graça, pôs-me em comunhão com ele através da fé em Jesus Cristo. No ambiente dessa comunhão, ele me comissiona a uma atividade especial no seu reino, ou seja, participar daquela tarefa que se constitui no tema da Teologia: colocar o Deus que justifica ou salva diante do ser humano réu e perdido, conforme palavras de Lutero já citadas anteriormente. Importante não esquecer que o chamado de Deus para participarmos de sua atividade salvífica, formando e edificando o seu povo, acontece depois de termos sido aceitos na sua comunhão. Portanto, não é um Deus estranho ou desconhecido; é o libertador de cada um de nós, que agiu por nós *Sola Gratia*.

Cientes de tudo isso, olhamos para a frente e traçamos o caminho a ser percorrido como educadores. Não será o caminho da promoção pessoal, pois a maior promoção já recebemos quando nos dignificou por meio da conversão, que nos possibilitou acesso à comunhão com o Pai. Se há alguma coisa a promover, será sempre a graça divina, o ponto de partida para tudo que somos e esperamos na qualidade de filhos de Deus. Não será o caminho da busca do prazer de nos sentirmos alguns degraus acima dos que são alvos da nossa tarefa educadora. Também a eles Deus procura com a mesma graça com que nos procurou, prova evidente de que não há razão para nos julgarmos acima deles. Nada existiu em nós que exigisse menos graça para nos possibilitar a comunhão com o Deus libertador. Não será o caminho do constrangimento por causa dos deveres de uma profissão, onde o que se faz acontece muito mais porque tem que ser feito. Pelo contrário, estará presente, antes de tudo, naquele que educa teologicamente, a consciência de estar repartindo com o próximo uma dádiva oriunda do amor que Deus nutre em favor de cada um. Estar ciente dessa verdade resultará no seguinte: nosso agir seguirá um caminho único, caminho que só é percorrido por quem, tendo sido contemplado pela graça, desfruta da bênção de servir na formação, edificação e condução do povo de Deus, povo esse que está a caminho da glória suprema. Com ele segue o educador, não simplesmente na carona,

porém constantemente em atividade, buscando capacitar o povo para que chegue ao lugar onde o seu Senhor glorioso o espera. Que empreendimento sublime!

O *Sola Gratia* também direciona corretamente a educação teológica num outro sentido. Compromete-a a seguir dentro da linha bíblica e confessional própria do luteranismo seguidor da Reforma, mantida em meio a lutas e controvérsias que ameaçaram a pureza e integridade do Evangelho redescoberto por Lutero. Uma educação teológica a partir do *Sola Gratia* não permite que mergulhemos em puro erro e futilidade (segundo Lutero), porque não nos deixa esquecer a nossa condição de réus e perdidos que foram agraciados pela iniciativa misericordiosa de nosso Criador. A teologia sob o *Sola Gratia* não procurará promover o homem e suas pretensas forças e capacidades para se auto-afirmar como criatura à parte do Criador, embora várias sejam as tentativas, para que tal aconteça, feitas por todos aqueles que defendem um *aliquid in homine* não importa em que intensidade. Sempre serão tentativas frustradas, pois quem se encontra morto não é capaz de participar em nada para ser promovido a alguma coisa. Continuará na sua morte, o que equivale a dizer que permanecerá separado do Criador. A frustração só não se evidencia quando do *Sola Gratia* alguém ruma ao *Sola Scriptura* e se fixa no *Sola Fide*. Esse é o caminho indicado por aquele que promove o homem à dignidade de alguém que comunga da intimidade do Pai.

Sola Gratia ainda? Sim, *Sola Gratia* ainda! Sua validade já foi demonstrada naquilo que foi desenvolvido até agora. Mesmo assim, não poderá ficar excluída uma outra contribuição dada por essa partícula exclusiva a quem participa da educação teológica. Julgo-a fundamental e indispensável, pois nos ampara em momentos muito delicados de nossa existência. Homens de Deus ou homens a serviço de Deus não estão livres dos momentos de grande fraqueza, angústia e sofrimento. Isso também não é coisa que só acontece conosco, como um resultado evidente de algum "defeito nosso". A Escritura Sagrada permite-nos descobrir a presença de tais momentos também naqueles que consideramos gigantes perto de nós. Lembramos Jó, Pedro, Paulo, sem necessidade de citar outros e teremos já exemplos suficientes de gente como nós, cuja fé não impediu de serem atingidos pela inquietação, medo, tristeza, sofrimento e provações. Também foram muito humanos, não estavam num estado de existência superior onde houvesse imunidade contra aquilo que pode sobrevir a quem é humano. Dentre uma série de coisas que podem importunar e inquietar quem educa na Palavra, não importa em que nível, encontra-se a constante percepção de nossas limitações e deficiências diante dos enormes desafios impostos pelo mundo à trajetória da educação teológica e mesmo ao curso da Palavra. Lógico que há sempre um esforço e dedicação de nossa parte buscando uma capacitação mais aprimorada

para o exercício de nossa tarefa. No entanto, por mais que isso aconteça, sempre voltará à nossa alma aquele sentimento próprio de quem se reconhece pequeno e indigno de tão grande empreendimento. O que nos sustenta então? O que nos leva a decidir continuar apesar de tantas reticências que poderíamos colocar diante a nossa atuação? O que sustentou os homens de Deus dos registros bíblicos? Ao Paulo atribulado por causa de um espinho na carne, o Senhor falou: A minha graça te basta (2 Co 12.9). Amparado por essa certeza, no mesmo versículo, o apóstolo confessa a transformação operada no seu estado de espírito a partir da garantia de ser sustentado pela graça divina e exclama: De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Homens a serviço de Deus, em todas as épocas e também hoje, têm descoberto que a graça divina basta para conservá-los de pé nos momentos de fraqueza. Aliás, na pedagogia empregada pelo Senhor junto aos seus, consta a permissão para que tais momentos nos sobrevenham, pois exatamente neles se reconhece mais intensamente com quem está o poder. Há situações em que ele foge de todas as nossas habilidades, habilitações, criatividade ou o que quer que julgamos possuir e caímos na realidade inegável de nossa fraqueza. Há lugar, então, para que o poder de Deus, vindo em nosso socorro *Sola Gratia*, se aperfeiçoe em nossas ações. Tal aperfeiçoamento do poder divino costuma ser prejudicado, quando confiamos em demasia em nosso aperfeiçoamento. Esse devemos, sem dúvida, perseguir, pois é requerido pelo zelo para servir com nossa capacidade máxima; não será, porém, dele que brotará a energia que movimenta a quem se descobre fraco. Ela tem origem tão somente no *favor Dei* complacente. Como é bom descobrir isso e como é necessário que essa descoberta se repita com frequência em nós! Por meio dela, saberemos nos ancorar naquilo que é capaz, de fato, de suportar todo o peso das nossas deficiências e limitações. Ao mesmo tempo em que nos ampara, também nos anima, dizendo: siga em frente!

Mas pela graça de Deus sou o que sou (1 Co 15.10). Sem dúvida, a verdade expressa nessa confissão foi razão maiúscula para fazer de Paulo o grande homem de Deus que hoje reconhecemos e admiramos. Também será sempre razão maiúscula para nos levar adiante na busca por fazer a nossa pequena parte na atividade que é grandiosa e sublime, não por causa de nós, mas porque é de Deus. *Sola Gratia* somos o que somos; *Sola Gratia* continuaremos a sê-lo; *Sola Gratia* descansaremos após tal atividade junto ao Pai na sua casa.

Paulo Moisés Nerbas *

* *Bacharel em Teologia, Seminário Concórdia, Porto Alegre, RS. Licenciado em Letras. Diretor Geral do Centro Educacional Concórdia, São Leopoldo, RS. Coordenador do Curso de Teologia e Filosofia da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS.*

ENSAIO TEOLÓGICO EDUCACIONAL

Qual é a situação educacional da Igreja Luterana? O que acontece entre nós luteranos? Por que estamos nesse pé em termos de desenvolvimento? Por que não há mais vibração, crescimento, alegria, testemunho, santificação, amor ao próximo na nossa igreja? Por que as pessoas não participam mais dos cultos? Por que não ofertam melhor? Por que não praticamos mais a oração?

Bem, tudo isso tem muitos motivos e razões. Cada um desses itens tem sua resposta própria. Mas creio que também se pode dar uma resposta ampla e generalizada, que traz elementos aplicáveis a cada parte e também ao todo da situação.

O que nós temos na IELB, nas palavras de certo educador teológico, com as quais concordo inteiramente, é um ***déficit educacional***. Ou, como também poderíamos chamar: um sucateamento educacional. Estamos, educacionalmente, atrasados em 50 ou 60 anos. Estamos utilizando métodos e pressupostos educacionais de várias décadas passadas, que não são suficientemente eficientes. Estamos descobrindo e aprendendo coisas da educação (e começando a aplicá-las na educação cristã) que nas Ciências Educacionais já se sabem e se utilizam há 50 ou 60 anos. O que se constitui[sic] exatamente num[sic] atraso, pois deveríamos estar conhecendo e aplicando hoje em dia os resultados da pesquisa educacional dos dias atuais.

A maior dificuldade em analisar a questão educacional na IELB reside no fato de que essa análise questiona e critica a classe dos que oficialmente lideram e ensinam na Igreja, à qual poderíamos chamar de "magistério" da Igreja. Observe-se, contudo, que existe a assim chamada crítica positiva, que é uma auto-avaliação e que se faz necessária em todos os setores do nosso viver. Nós geralmente procuramos as causas, razões e culpas dos fracassos do trabalho da igreja em elementos externos. Não temos muita autocrítica e não aceitamos avaliações a respeito de nós mesmos. Dizer que a IELB tem um déficit educacional de 50 ou 60 anos parece dizer que os pastores são incompetentes ou incapazes. A maioria do clero e do magistério encara isso como agressão pessoal. Quando sua metodologia de ensino não dá certo

(porque não apresenta resultados satisfatórios), ao invés de perguntarem a si mesmos: o que estou fazendo errado?, colocam a culpa nos outros. O educando é considerado desinteressado, incompetente, de má vontade. Nunca sou eu o responsável. Nunca é minha culpa.

É evidente que existe desinteresse e má vontade dos educandos em certa medida. Claro que o diabo atrapalha e coloca areia na obra do Senhor. Mas há também muito de ineficiência da parte do magistério. E essa ineficiência não se localiza na falta de vontade, de empenho, de esforço - mas sim na falta de um pouco mais de arejamento, contextualização e humanização do processo e dos métodos educacionais.

Na verdade, não se deseja, com a crítica, destruir a auto-estima dos educadores cristãos, especialmente do clero. O que se deseja é que, ao se depararem com novas informações, novos métodos, novos resultados de pesquisa psicológica, pedagógica, educacional; ao se depararem com todo o campo da moderna pesquisa educacional, que demonstra sobejamente a necessidade de agilizar a educação e inserir nela os modernos conceitos de comunicação e trabalho participativo do educando, de contextualização e aculturação dos conteúdos à realidade própria e específica do educando, tomem uma postura mais receptiva e sejam capazes de rever e avaliar os seus procedimentos educacionais. Mesmo que essa revisão passe pelo caminho de admitir coisas do tipo: ***Puxa, é mesmo! Estou fazendo errado. Passei (quem sabe) toda a minha vida trabalhando com pressupostos e métodos não tão apropriados assim. Mas foi isso que aprendi. Fiz assim porque assim me ensinaram. Graças a Deus, contudo, descobri, mesmo agora, que há um caminho melhor. Pois então vou enveredar por ele!*** A verdadeira competência reside exatamente na auto-avaliação e na constante procura pelo aperfeiçoamento do desempenho próprio.

Qual é a realidade de nossas congregações? A de um monte de gente que foi educada pelos métodos tradicionais vigentes (às vezes, com 500 anos de idade - copiados de Lutero) e que, na verdade, sabe muito pouco, porque não compreende aquilo que aprendeu; porque não o sabe aplicar à própria vida. Pois **saber** é mais do que ter a informação de alguma coisa. Saber é mais, muito mais do que ter a informação de que em João 3.16 está escrito, segundo a tradução ARA, que ***Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna.*** Saber é poder compreender o pensamento de Deus, a Mensagem de Deus que está por trás dessas palavras, sejam elas lidas na ARA, na ARC, na BLH, na BJ, no NTV, na TEB ou em qualquer outra tradução; ***saber*** é levar no coração toda a motivação e impulso vitais em direção a Cristo que brota dessa ou de qualquer outra palavra da Escritura Sagrada.

Somos, então, infelizmente, um grande número de pessoas que, na verdade, não sabe muito. Porque não conseguimos interpretar e interiorizar a Palavra de Deus (apenas memorizar formas - bastante limitadas) e porque, além disso, nos deparamos cada vez mais com novas gerações mais liberadas, autênticas no modo de pensar e agir, corajosas para dizer o que pensam e dispostas a romper com os padrões educacionais e culturais tradicionais e que, portanto, se recusam até mesmo a realizar essa memorização formal de textos e fórmulas bíblico-doutrinárias. Quando recusam, nós tentamos forçá-las por meio de decretos e imposições, ao invés de procurarmos, pela criatividade, despertar sua atenção e interesse pelos **conteúdos** daquilo que ensinamos.

O que eu defendo, portanto, é um romper do cordão umbilical das estruturas tradicionais e métodos educacionais, com o objetivo de promover conhecimento qualitativo mesmo sem a existência do quantitativo. Isso não significa, absolutamente, que seja contrário ao conhecimento quantitativo - quando ele puder estar presente. Se estiver, melhor. É um dom. Como tal, se puder ser usado positivamente para edificação alheia, muito bem. Caso contrário, que fique guardado para cada um. Minha posição visa a brindar o conhecimento qualitativo, quando, por alguma razão conjuntural, o conhecimento quantitativo não se faz presente!

É por isso, entre outros motivos, que defendo uma comunicação e uma educação mais atualizada na Igreja.

No que diz respeito ao Estudo Bíblico, considero que precisamos fazer mais o do tipo introspectivo. Aquele que aprofunda o sentido de um texto para cada um individualmente. Precisamos mais desse tipo de ensino e estudo! Olhar para um versículo ou pensamento escriturístico e tentar tirar dele tudo o que tem a acrescentar a cada um. Isso é o que torna o Estudo Bíblico fascinante! Não o eterno repetir das mesmas coisas, mas o tentar tirar verdades sempre renovadas de cada passagem.

Acredito, pois, que um estudo introspectivo da Palavra de Deus, arejado, contextualizado, irá servir para limpar a estrada do entendimento das pessoas de tal forma, que a Mensagem de Deus realmente chegue aos corações e lá possa agir. Dessa maneira, irá despertar interesse renovado na Palavra de Deus; irá fazer com que o povo de hoje guarde no coração e na memória o **sentido** da mensagem bíblica que fala do amor de Deus em perdoar os nossos pecados.

Diante de tal exposição e argumentação, algumas pessoas certamente refletiriam da seguinte maneira: ah, mas a Palavra de Deus é poderosa, e

quem converte corações é o Espírito Santo, sendo que a nós compete apenas anunciar essa Palavra. Do jeito que as coisas estão sendo ditas, fica parecendo que a conversão seja obra do pregador ou educador. Pois não é isso. Não é assim! Nós sabemos, cremos e confessamos que a Palavra de Deus é poderosa e muda corações - e que isso é tarefa do Espírito Santo. Mas o que eu argumento é que, muitas vezes, essa Palavra não chega a atingir os corações; não chega lá. Não porque não tenha sido anunciada, mas porque foi anunciada de forma inadequada e ineficiente! Porque se perdeu no vento e não chegou ao endereço previsto: o coração do ouvinte. A maioria de nós, líderes religiosos, pensa, equivocadamente, que basta falar para que a Palavra chegue às pessoas. O que eu estou dizendo é: dependendo do nosso jeito de falar/ensinar/anunciar, nós nem atingimos as pessoas! A maioria considera que lançar a Palavra já significa ter alimentado o rebanho. Sim, a maciça maioria não considera que seja preciso usar criatividade para que a Palavra chegue lá e então possa agir/operar. O que eu defendo é que existem tantos obstáculos ambientais, sócio-culturais e psicológicos que perturbam a educação cristã, que é preciso exatamente um gigantismo de criatividade e compreensão para que a Palavra seja entendida, chegue lá aos corações das pessoas. Defendo que realizar o trabalho educacional com tal criatividade e contextualização significa atrapalhar menos o Espírito Santo em sua tarefa de mover os corações.

Segundo minha visão da igreja, o problema conosco, liderança (clero/magistério), é que diante da falta de motivação e resposta do povo, em vez de usarmos mais criatividade, apelamos para a intransigência (disciplinando, expulsando, castigando com a suspensão da Santa Ceia) e para o autoritarismo, dando broncas e exigindo comportamentos e resultados segundo o figurino. O que eu defendo é que precisamos parar com o autoritarismo, com o apego às tradições e ao passado; com o apego a determinadas traduções da Bíblia, a formas estereotipadas de atividades-padrão e a formas musicais e litúrgicas específicas. Precisamos contextualizar a pregação e o ensino da Palavra de Deus!

Não esqueçamos nunca que uma tradução é uma interpretação - e que os tradutores não são infalíveis nem inspirados pelo Espírito Santo.

Diante de tudo isso, coloco, ainda, que sou contrário ao assim chamado teste de eficiência espiritual. Isso por diversas razões, que tentarei expor a seguir. Considero que não se deva realizar atividade que promova disputa de conhecimento espiritual entre irmãos na fé. Porque não se mede eficiência espiritual! Isso é algo que pertence a Deus - se ele o quiser fazer. Precisamos, sim, promover conhecimento. Mas não promover a competição de quem sabe mais do que os outros. Isso não tem sentido. Não edifica. Não se

precisa dessa motivação para estudar a Palavra de Deus, e se for essa a motivação... não me parece recomendável. Além disso, isso ocasiona sentimentos de inferioridade e frustração naqueles que perdem. Oportuniza vaidade, orgulho vão e arrogância da parte dos que ganham.

Outrossim, se fosse o caso de serem medidos os conhecimentos espirituais, certamente não seriam através de perguntas de caráter quantitativo baseadas em uma dentre várias traduções/versões bíblicas disponíveis. Até porque um conhecimento quantitativo, de memorização, é um dom entre dezenas deles - que o Senhor distribui heterogeneamente entre seus filhos.

Não defendo que seja proibido ou pecaminoso memorizar versículos bíblicos. Quem tiver o dom de fazê-lo, que o faça! O que estou dizendo é que não é com memorizações que se mede a eficiência espiritual de alguém nem o seu conhecimento do Salvador Jesus e de Deus. Defendo que memorizar não é, nem de longe, o objetivo maior ou principal, ou a parte mais importante da educação cristã. Embora possa haver entre nós todos várias pessoas que possuam esse dom e facilidade, e que o possam utilizar proveitosamente para a edificação do Reino de Deus. Especialmente quando um pastor tem esse dom e se esmera na memorização, isso pode ser proveitoso - pois ele tem a seu favor toda uma bagagem teológica e hermenêutica que lhe abrem amplas possibilidades de utilizar beneficamente esse dom. Contudo, diferente é a realidade do nosso povo luterano, ao qual, segundo penso, não deveríamos repassar o conceito de que conhecer de memória é sinal de bom Cristianismo. Mais importante do que saber de cor onde está escrito que ***o diabo é nosso adversário e anda em derredor como um leão que ruge procurando alguém para devorar,*** é saber entender (quando se lê o texto) o que isso significa, como pode acontecer em nossa vida e como podemos evitá-lo. Temos que trazer ao coração essas coisas; ser instrumentos para conseguir que as pessoas apreciem essas verdades sem que as ataquemos e firamos, para deixar que depois, por interesse e identificação, as recordem.

O perigo de nossa formação e influência pietista é que acabemos considerando que verdadeiro e melhor cristão é aquele que memorizou as formas. Enquanto isso, existem outros que não as memorizaram, mas que vivem com mais fidelidade a sua fé.

Estamos vivendo uma época de transição no uso das versões bíblicas. Estamos passando da ARA* para outras, de linguagem mais popular e

* Versão tradicional da Bíblia pela Sociedade Bíblica do Brasil, conhecida como Almeida Revista e Atualizada. Versão popular da Bíblia pela Sociedade Bíblica do Brasil, conhecida como Bíblia na Linguagem de hoje.

comprovadamente mais compreendidas, e que falam mais ao coração do povo, como é o caso da BLH. Como então fazer ***testes de eficiência espiritual***, os quais precisam se basear na memorização de fatos e de expressões, coisa que os faz dependerem de um mesmo texto lingüístico?!

Uma das razões da mencionada falta de crescimento da igreja é que não estamos mais entendendo/compreendendo com profundidade o que o texto sagrado diz. O nível vocabular da ARA é tal que mesmo muitos dos que têm formação universitária não a entendem facilmente. Quanto mais a maioria do nosso povo, que teve tão poucas oportunidades de escolarização. Quando utilizamos a ARA, precisamos gastar o tempo disponível para ***traduzir*** o texto ao sentido comum, ou aportuguesá-lo, muitas vezes sem o filé mignon da educação cristã, que é meditar naquilo que o texto diz aos nossos corações e vidas. Dessa maneira, fica prejudicada a maturidade espiritual, a qual, como já argumentei, não se mede pela quantia de versículos ou histórias bíblicas memorizadas, e sim pela capacidade de entender o sentido socialmente simples (uma vez que contextualizado) e espiritualmente profundo do ensino bíblico.

Por último, gostaria de dizer que a grande maioria do povo (quer nós o percebamos ou não) está sedenta e faminta por algo assim: por uma Igreja renovada nesse sentido; por uma Igreja arejada, vibrante, contextualizada. As dificuldades surgem e existem, porque um pequeno número de pessoas inconformadas com as mudanças, e que se sentem agredidas por elas, se opõe freneticamente.

Nosso objetivo comum, contudo, é ***crescer em Cristo*** e promover, da melhor forma, o crescimento espiritual de todos aqueles que estão expostos ao nosso ministério. Todas as observações, críticas e colocações feitas neste documento visam tão somente à mútua instrução.

Finalizo, lembrando as palavras de Ap 1.9 e 10: Esta é a minha oração: peço que o amor de vocês aumente cada vez mais, junto com o **verdadeiro conhecimento** e a **perfeita compreensão**, para que possam escolher o melhor.

Irmo A. Hubner *

* *Bacharel em Teologia, Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS. Mestre em Teologia, Pastor em Imbituva, PR.*

TEOLOGIA LITERÁRIA

A IGREJA CRISTÃ E O FENÔMENO DA CONTEXTUALIZAÇÃO

O presente estudo analisa o surgimento e a conceituação do termo **contextualização** na Igreja Cristã, bem como seu desenvolvimento histórico e seu significado teológico. O que a Escritura Sagrada tem a dizer sobre esse conceito? Pode-se falar em contextualização a partir da Bíblia? Como foi o desenvolvimento desse conceito na história da Igreja Cristã? Qual a origem desse termo? Como ele foi usado nos diferentes grupos denominacionais?

Existe uma série de conceitos que são usados para designar o uso do termo **contextualização**. Por isso, a partir de uma análise da terminologia empregada, será determinado como o termo pode ser empregado.

É necessária a contextualização da mensagem a ser proclamada e da ação missionária da Igreja? Os riscos são maiores que as bênçãos que podem advir quando a Igreja age de maneira contextualizada? Como ela pode contextualizar sua ação missionária sem cair no erro de praticar o sincretismo? Como Igreja que tem a Escritura Sagrada como ***norma normans**** e as Confissões como ***norma normata****, pode ela permitir que a cultura determine e/ou oriente suas atividades? Não estará permitindo que a cultura e a sociedade digam quais são seus propósitos, aquilo que ela deve ou não fazer como Igreja?

Como a teologia é um hábito prático, torna-se imprescindível uma aplicação prática do conceito de contextualização. O que precisa ser contextualizado na Igreja? Será que a falta de contextualização em algumas áreas de atividade da IELB não é causa do seu pouco crescimento? Pode ela se contentar com o baixo índice de participação nos cultos, bem como com o distanciamento do leigo da Igreja? As atitudes dos pastores atendem às necessidades do povo brasileiro? As estruturas congregacionais da IELB refletem sua atividade missionária contextualizada? A vida dos cristãos neste país reflete sua fé? Sua vida é um testemunho do amor redentivo de Deus? Esse amor não seria testemunhado de maneira mais eficaz a partir de uma ação e visão missionárias contextualizadas?

* Regra que rege um sistema de normas
** Regra variável dependente de outras

A resposta consciente e correta a essas sugestões é de valor inestimável para a ação missionária da IELB, na certeza de que, através dessa Igreja, Deus tem grandes coisas a realizar nesta pátria brasileira.

CONCEITO E HISTÓRICO DA CONTEXTUALIZAÇÃO

A análise do conceito **contextualização** a partir dos diversos termos que são empregados na abordagem a esse assunto, bem como a partir da Escritura Sagrada, auxiliará na compreensão de seu uso crítico e bíblico na ação missionária da igreja. O acompanhamento do desenvolvimento histórico desse conceito igualmente é útil para seu uso equilibrado. É isso que se propõe o presente capítulo.

Terminologia

A literatura analisada no estudo do tema **contextualização** emprega uma série de termos que são usados para expressar esse e outros conceitos correlatos. Algumas vezes, são usados sem muita preocupação pela definição exata de seu sentido. Por isso, torna-se necessária uma análise desses termos e conseqüente descrição de seus significados.

Enculturação, Endoculturação e Socialização

Processo de aprendizado, por parte da criança, de sua própria cultura e da cultura de seu povo. Esse processo acontece através da educação formal e informal. É um processo de familiarização com o conjunto de habilidades, valores, costumes, crenças e com a história do próprio grupo.[1]

Aculturação

Contato entre duas culturas e o resultado desse contato. Significa que uma pessoa ou um grupo deve adaptar-se a uma cultura diferente daquela em que nasceram e foram criados, como o caso de imigrantes, escravos ou missionários. Em sentido negativo, é a adaptação de um povo ou grupo a uma cultura tida como superior, como a cultura do colonizador ou do conquistador.[2]

Integração

Condução de um grupo humano da marginalidade sócio-cultural ao convívio igualitário. Seria o pólo oposto da inculturação, pois representa a substituição do sistema religioso-cultural dos povos autóctones e a sua integração ao sistema.[3]

[1] SUESS, Paulo. *Inculturação: Desafios - Caminhos - Metas*. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, 49 (193) mar. 1989, p. 95.
[2] ANTONIAZZI, Alberto. *Inculturação: algumas reflexões como introdução ao tema*. Atualização, Belo Horizonte, 18 (205) jan./fev. 1987, p. 3-4.
[3] SUESS, Op. cit., p. 96-7.

Inculturação

Processo pelo qual o Cristianismo penetra numa cultura e identifica-se com ela. É um processo longo, que segue por etapas e pode se estender por duas ou três gerações.[4] O evangelho vivo vivido pela igreja numa cultura viva, com todas as transformações que isso acarreta, é o que se chama inculturação.[5]

Indigenização

Termo usado para indicar o esforço de encarar o Cristianismo numa determinada cultura indígena. Consiste essencialmente no pleno emprego de formas de comunicação locais. É a tentativa de localizar palavras, conceitos e aspectos culturais que possam tornar-se elos de comunicação do Evangelho com o povo, capacitar a Igreja a apropriar-se daqueles elementos culturais compatíveis com o Evangelho e auxiliar a determinar como deve ser a cultura cristã. O problema da indigenização envolve comunicação, adaptação e síntese cultural.[6]

Contextualização

Um dos introdutores desse termo no cenário mundial, Shoki Coe, explicou por que estava sendo proposto o uso desse novo termo, em substituição ao termo **indigenização**, que tendia a ser usado no sentido de responder ao Evangelho em termos da cultura tradicional e estar orientado para o passado. Propôs o uso do termo **contextualização,** porque o novo contexto não é de uma cultura estática, mas a busca pelo novo que, ao mesmo tempo, envolve a própria cultura.[7]

Ao propor a palavra **contextualização**, Coe tentou comunicar tudo que estava implícito no termo **indigenização**, mas procurou ir mais além, com um conceito dinâmico, aberto a mudanças e orientado para o futuro. Mostrou que a contextualidade é a contribuição que torna o contexto realmente significativo à luz da ***Missio Dei***. É o discernimento missiológico dos sinais dos tempos, vendo onde Deus está em ação e nos chamando para participarmos dela. Assim, a contextualidade é a conscientização dos contextos num momento particular e histórico, tendo acesso à peculiaridade do contexto à luz da missão da Igreja como ela é chamada para participar na ***Missio Dei***.[8] Desse modo, a contextualidade é a capacidade de responder de modo relevante ao

[4] Ibid., p. 97.

[5] AMALORPAVADASS, Duraisamy. *Evangelização e Cultura*. Concilium. Recife. 14 (134) 4/1978. p. 72.

[6] ROSMANN, Vern. *The Breaking in of the Future - The problem of Indigenization and Cultural Synthesis*. International Review of Missions. Geneva. 52 (2) abr. 1963. p. 130.

[7] COE, Shoki. *Contextualizing Theology*. ANDERSON, Gerald H. e STRANSKI, Thomas F. *Third World Theologies*. In: Mission Trends. New York/Grande Rapids. Paulist Press/Wm.B. Eerdmans. 1978. V. 3. p. 20.

[8] Ibid., p. 21-2.

Evangelho dentro do arcabouço da situação da própria pessoa."

No presente estudo, foi feita a opção pelo termo **contextualização** visto ser mais abrangente que o termo **indigenização** e mais expressivo que o termo **inculturação**, de uso quase que restrito à Igreja Católica.

Com esse termo, é expressa a maneira pela qual a igreja, enviada ao mundo para proclamar a boa-nova da salvação em Cristo, pode se inserir em determinado contexto cultural, social, histórico ou religioso e, vivendo-o, tornar-se apta a transmitir essa boa-nova de maneira compreensível e relevante ao ser humano. Refere-se, ainda, ao esforço de contextualizar as formas da resposta ao ato salvífico de Deus em Cristo, a tudo que a Igreja faz como corpo de Cristo que procura, dentro da cultura em que vive, exercer o *ministério da reconciliação.*

A BÍBLIA E A CONTEXTUALIZAÇÃO

O ser humano é um ser cultural. Foi criado por Deus com um mandamento cultural, para dominar sobre a terra, cultivar e guardar o jardim do Éden (Gn 1.26,28; 2.15), e comunicar-se através de determinado idioma. Desde sua criação, o homem é tanto portador como promotor de cultura.

Deus é descrito pela Escritura Sagrada, em muitas ocasiões, em formas humanas. Esse antropomorfismo de Deus evidencia-se no fato de andar e conversar com o ser humano (Gn 2.16; 3.8); de lhe serem atribuídos sentimentos humanos (Gn 6.6; 8.21; Dt 4.21; Ex 20.5), figura humana (Ex 33.23; Is 59.1), bem como ações humanas (Sl 44.23; 121.4; Is 40.28). Esses antropomorfismos são necessários por causa da limitação da linguagem e pensamento humanos.[10] Deus se aproxima do espaço vivencial da cultura do homem, isto é, ele se contextualiza para relacionar-se com o ser humano que ele criou e ama.

E assim como Deus relacionou-se com Israel no Antigo Testamento, na *plenitude do tempo* (Gl 4.4) visitou a humanidade na pessoa de seu Filho - o Verbo feito carne (Jo1.14) - em um determinado tempo e em uma cultura definida. A encarnação revela o propósito salvífico de Deus, pois ele não brada sua mensagem dos céus, mas torna-se presente como um homem entre os homens. O clímax da revelação divina está no Emanuel (Mt 1.23), que demonstra a intenção divina de tornar-se conhecido dentro da situação humana.[11]

[9] NICHOLLS, Bruce J. Contextualização: Uma Teologia do Evangelho e Cultura. CHOWN, Gordon. trad. São Paulo. Vida Nova, 1983. p. 18.

[10] PAYNE, J. Barton. The Theology of the Older Testament. Grand Rapids. Zondervan, 1962. p. 120-2. YAMAUCHI, Edwin M. *Anthropomorphism in Ancient Religions*. Biblioteca Sacra. s.l., 125 (497) :29-44, jan./mar. 1968.

[11] PADILHA, C. René. Mission Between the Times. Grand Rapids. WILLIAM B. Eerdmans, 1985. p. 83.

Deus contextualizou-se em seu Filho Jesus Cristo, que assumiu a condição humana, sendo igual aos homens em tudo, menos no pecado (Hb 4.15; 2 Co 5.21; 1 Pe 2.22). Jesus contextualizou-se às condições humanas, mas não se contaminou com o pecado. Ele agiu muitas vezes de forma contextualizada. Abordou Nicodemos, a mulher samaritana e o jovem rico de maneiras muito diferentes (Cf. Jo 3 e 4; Mt 19.16-22).

Da mesma forma, agiram os apóstolos. A comparação da pregação de Pedro no dia de Pentecostes (At 2.14-36), perante o Sinédrio (At 4.8-12) e na casa de Cornélio (At 10.34-43), revela como era contextualizada, isto é, adaptada a mensagem de acordo com a situação e os ouvintes.[12]

Mas sem dúvida alguma foi o apóstolo Paulo quem soube contextualizar de modo brilhante a mensagem do Evangelho aos seus ouvintes, pois, ao dirigir-se aos monoteístas nas sinagogas de Damasco (At 9.20-22), de Antioquia da Pisídia (At 13.16-41) e de Tessalônica (At 17.2-3), Paulo pressupôs que conheciam a Deus e usou tal conhecimento como ponto de partida. Aos politeístas de Listra (At 14.15-17) enfatizou que a cura do aleijado não significava que ele e Barnabé eram deuses. Aos filósofos atenienses, que eram panteístas (At 17.22-31), referiu-se ao *Deus desconhecido*, a um poeta grego, à natureza e ao homem como sendo criação de Deus.[13]

Paulo recorreu à experiência natural das pessoas ao expor convicções comuns a ele e aos seus ouvintes. Estava consciente da experiência cultural das pessoas bem como de sua situação vivencial. Era sabedor do inter-relacionamento entre religião e cultura, missão e cultura e cultura e povo. Sabia que raramente o Evangelho é pregado em um vácuo, isto é, fora das condições culturais e da compreensão das pessoas, e que Deus usa todas as condições da existência humana para aumentar e expandir seu reino.

Igualmente, recorreu às necessidades espirituais dos seres humanos, levando em consideração sua sede por perdão, e ofereceu a certeza de que em Jesus Cristo há salvação, expondo os fatos da vida, morte e ressurreição de Jesus (1 Co 15.1-4; Ef 5.3-21).

Por tudo isso, ainda hoje a Igreja tem muito a aprender desse **apóstolo aos gentios**, de sua dedicação à causa de Cristo, da competente e efetiva realização da obra missionária e do modo persuasivo de comunicar o Evangelho de Jesus Cristo, tornando a mensagem significativa e relevante.[14] Paulo é

[12] HESSELGRAVE, David J. *Cosmovisão e Contextualização.* WINTER, Ralph D., org. Missões Transculturais - Uma Perspectiva Cultural. Carlos Siepierski, e Márcio Loureiro Redondo, trad. São Paulo, Mundo Cristão, 1987. p. 485-6.

[13] HESSELGRAVE, David J. Plantar Igrejas - Um Guia para Missões Nacionais e Transculturais. Gordon Chown, trad. São Paulo, Vida Nova, 1984. p. 151.

[14] JI, Wong. *Witnessing to Christ in a Pluralistic Age: Theological Principle and Practice.* Concordia Journal, St. Louis, 16 (3) jul. 1990. p. 238-9.

um protótipo, alguém a ser imitado na missão contextualizada, pois ao falar sobre sua atividade como evangelista, ele afirmou, em 1 Coríntios 9.19-23:

> *Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele.*

Esse homem de três nacionalidades - israelita de nascimento (Rm 11.1; Fp 3.5), romano por direito de nascimento (At 22.25-28) e grego em sua atividade missionária para com o mundo helênico - soube levar a efeito, com espantosa sabedoria, a missão do reino de Deus, contextualizando sua mensagem e a si próprio, de acordo com as necessidades de seus ouvintes.

Foi o apóstolo Paulo quem experimentou a comunicação transcultural, quem teve um profundo interesse em antropologia cultural, quem evangelicamente aplicou o método da contextualização e quem procurou articular uma etnologia centrada no Evangelho. Tudo isso foi feito com o intuito de tornar o Evangelho salvífico de Cristo contextualmente significativo ao povo em seu ambiente cultural.[15]

Outro exemplo do fenômeno da contextualização que ocorre na Escritura Sagrada é o próprio texto escrito pelo apóstolo Paulo. De modo semelhante, os escritores da Bíblia, sob a inspiração do Espírito Santo (2 Pe 1.22), usaram a linguagem comum do povo para expressar as verdades de Deus, o Antigo Testamento em hebraico e o Novo Testamento no grego **koinê,** o vernáculo usado no império romano como a língua comum no mundo civilizado.[16]

Da mesma maneira, os escritores bíblicos usaram palavras de uso corrente entre o povo e, dando-lhes um novo significado, exprimiram com elas conceitos importantes. Exemplo claro disso são as palavras ***evangelion*** e ***logos.***

Em sentido semelhante, também os sacramentos foram, por assim dizer, contextualizados. A partir das lavagens rituais do Antigo Testamento

[15] Ibid., p. 238.

[16] TAYLOR, William Carey. Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego. 5. ed. Rio de Janeiro, JUERP, 1977. p. 1.

(p.ex., Ex 30.17-21;Lv 15.; 17.15-16; Nm 19), passando pelo Batismo dos essênios e de prosélitos no período intertestamentário, apareceu João Batista *pregando batismo de arrependimento para a remissão dos pecados* (Mc 1.4), o que não causou estranheza entre o povo de Israel. Jesus usou esse ato instituído por Deus para o povo de Israel, e que apontava profeticamente para ele, e aprofundou o seu significado, tornando-o um meio da graça que oferece perdão dos pecados, vida e salvação (Jo 3.5; 1 Pe 3.21).[17]

Do mesmo modo, ao celebrar a Ceia Pascal do Antigo Testamento (Mt 26.17-29), Jesus a contextualizou, aprofundando seu significado e instituindo a Santa Ceia, para oferecer em, com e sob o pão e o vinho seu verdadeiro corpo e sangue, para perdão dos pecados (Mt 26.28). Jesus, cordeiro e sacerdote ao mesmo tempo, cumpriu a antiga aliança e instituiu a nova aliança para o povo de Deus.

Evidencia-se, nesses exemplos, como a Bíblia reflete a preocupação com o tema contextualização, pois em diversas ocasiões, Deus veio ao encontro do ser humano para lhe transmitir de maneira significativa e relevante sua mensagem de amor e salvação. Deus encontra concretamente as pessoas e as sociedades lá onde elas estão, na forma como se organizaram no espaço e no tempo.[18] É Deus Espírito Santo quem atualiza sem cessar, em contextos os mais diversos, a obra única e salutar do Verbo feito carne."[19]

A CONTEXTUALIZAÇÃO NA HISTÓRIA DA IGREJA CRISTÃ

A ação evangelística na Igreja primitiva era feita de uma forma espontânea, livre e contextualizada. Os primeiros cristãos eram pessoas de sua cultura que falavam a pessoas de uma cultura igual de maneira clara, simples e compreensível.

A expansão da fé cristã e seu contato com outras culturas levou a igreja à controvérsia sobre a circuncisão dos gentios e à decisão a respeito da não-imposição de tradições culturais judaicas sobre os gentios (cf. At 15). Desse modo, a Igreja continuou seu crescimento, atingindo diversos povos e culturas, no cumprimento do mandato de Cristo de *pregar o evangelho a toda a criatura* (Mc 16.15).

Com a conversão de Constantino à fé cristã, por volta do ano 312, a concessão de liberdade ao Cristianismo com o Edito de Milão em 313 e a sua

[17] MARQUARDT, Rony Ricardo. *A relação entre as lavagens rituais do Antigo Testamento e o Batismo cristão.* Porto Alegre, Seminário Concórdia, 1983. p. 72. (Monografia de bacharelado).
[18] BOFF, Leonardo. *Evangelizar a partir das Culturas Oprimidas.* Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis, 49 (196) dez. 1989, p. 811.
[19] CESAR, Ely Eser B. *Pistas em Missiologia - Uma Reflexão Neotestamentária.* Simpósio ASTE. São Paulo, 2 (3) jun. 1969, p. 43.

oficialização como religião do Estado, decretava-se o fim do Cristianismo espontâneo e começava uma união com o Estado que lhe haveria de ser fatal.[20] A partir de então, a liturgia tornou-se mais complexa, influenciada pelo protocolo imperial; ocorreu a clericalização do culto, a veneração dos santos e mártires e, ainda, a imposição do latim como língua litúrgica por Ambrósio, bispo de Milão.[21]

A partir disso, a fé cristã foi levada aos outros povos cada vez mais como uma imposição cultural, com um rito já estabelecido e um código de ética fechado.

Lutero trouxe de volta à Igreja a preocupação pela cultura, pois traduziu a missa latina para o alemão e, em sua *Missa e Ordem do Culto Alemão* de 1525, destaca:

> *Em primeiro lugar eu gostaria de pedir gentilmente e por amor de Deus a todos os que virem ou quiserem seguir essa nossa ordem no culto, que de forma alguma façam dela uma lei rígida, nem enredem ou prendam a consciência de ninguém, mas que a usem na liberdade cristã enquanto, como, onde, quando e por quanto tempo acharem conveniente e útil.*[22]

Lutero mostra que a ordem do culto deve servir para educar a juventude e estimular os humildes, e que a validade, o valor, o poder e a virtude de qualquer ordem está no seu uso adequado. Caso contrário, ela nada vale e não serve para nada.[23]

Essa linha de pensamento também foi seguida pelos escritores da *fórmula de Concórdia* que, na Epítome, ao abordarem o tema "De Praxes Eclesiasticas ", declararam:

> *Cremos, ensinamos e confessamos unanimemente que as cerimônias ou ritos eclesiásticos que não são ordenados nem proibidos na palavra de Deus, porém foram instituídos apenas por causa do bem-estar e boa ordem, não são, em e por si mesmos, culto divino, nem parte dele. (Mt 15.)*
>
> *Cremos, ensinamos e confessamos que a congregação de Deus de todo lugar e época tem o poder de mudar, conforme as circunstâncias, tais cerimônias, de acordo com a maneira que*

[20] WALKER, Williston. História da Igreja Cristã. D. Glênio Vergara dos Santos e Duval da Silva, trad. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo, JUERP/ASTE, 1980. V. 1, p. 149-54.
[21] SCHMIDT, João Carlos. *A contextualização da Liturgia.* São Leopoldo, Seminário Concórdia, 1990, p. 21-3. (Monografia de bacharelado).
[22] LUTERO, Martinho. Pelo Evangelho de Cristo. Walter O. Schlupp, trad. Porto Alegre/São Leopoldo, Concórdia/Sinodal, 1984. p. 218.
[23] Ibid, p. 230, 231.

for a mais útil e a mais edificante para a congregação de Deus.[24]

Mas, de uma forma geral, mesmo essa preocupação e orientação de Lutero e dos confessores se perdeu, não só quanto ao culto, mas também nas demais atividades da igreja.

> *Durante a expansão missionária do princípio do século XIX, pressupunha-se, em geral, que as Igrejas resultantes do trabalho missionário seriam moldadas nas Igrejas dos países de origem. A tendência era reproduzir réplicas quase perfeitas. A arquitetura gótica, a liturgia, as vestes clericais, os instrumentos musicais, hinos e músicas, processos de tomada de decisão, sínodos e comissões, superintendentes e bispos; tudo isso era exportado e, sem imaginação alguma, introduzido nas novas Igrejas fundadas pelas missões.*[25]

Foi apenas no século XX que a igreja voltou seu olhar para a necessidade e a importância da contextualização, indo ao encontro das pessoas de acordo com sua cultura, sua maneira de pensar e compreender a boa notícia da salvação e de responder ao amor de Deus a partir de elementos culturais próprios.

HISTÓRICO DO CONCEITO

Este tópico investiga o histórico do conceito **contextualização**, buscando nos ensinamentos de diversas denominações cristãs o seu desenvolvimento.

Igreja Católica Romana

Os séculos XVI e XVII marcaram avanços nunca vistos na expansão missionária da Igreja Católica Romana, principalmente com a fundação da Sagrada Congregação para a propagação da fé por Gregório XV, em 1622, e a fundação do Colégio Urbano da Propaganda, em 1627, um seminário missionário, mas foi apenas no século XX que a Igreja Católica começou a definir sua política de missão de modo sistemático.[26]

Em 30.11.19, Benedito XV edita a carta apostólica Maximum Illud, marcando o início da nova ênfase eclesial de tornar suas congregações indígenas, de acordo com a cultura do povo em que eram plantadas. Em 28.02.26, a encíclica Rerum Ecclesiae de Pio XI, convocou os sacerdotes para a indigenização da Igreja. Em 02.06.51, Pio XII publica a encíclica Evangelii Praecones, conhecida principalmente pela sua grande ênfase na

[24] LIVRO DE CONCÓRDIA. *Epítome*. X, 3, 4.
[25] *O Evangelho e a Cultura* - Relatório da Reunião de Consulta de Willowbank. José Gabriel Said. trad. São Paulo/Belo Horizonte. ABU/Visão Mundial, 1983, p. 34.
[26] GLASSER, Arthur F. e McGravan, Donald A. *Contemporary Theologies of Mission*. Grand Rapids. Baker Book House, 1983, p. 168.

importância de um clero nacional. Em 1959, João XXIII publica a Princeps Pastorum, que reafirma a necessidade de Igrejas e de um clero indígenos.[27] De 1962 a 1965, o Concílio Vaticano II aproximou a Igreja Católica do mundo moderno, tornando-a mais efetiva em sua missão e dedicou sua atenção ao fenômeno da cultura em relação à fé e à evangelização. O Decreto Ad Gentes, sobre a atividade missionária da Igreja, afirmou:

> *Como Cristo, por sua encarnação se ligou às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu, assim deve a Igreja inserir-se em todas essas sociedades, para que a todas possa oferecer o mistério da salvação e a vida trazida por Deus.*[28]

Paulo Suess observa que muitos textos do Vaticano II estabeleceram "uma analogia entre a assunção da natureza humana por Jesus Cristo e a inserção/inculturação da igreja na realidade sócio-cultural dos diferentes povos.[29] Isso é expresso, por exemplo, em Ad Gentes: "De um modo semelhante à economia da Encarnação, as igrejas...assumem em admirável intercâmbio, todas as riquezas das nações."[30] Nesse sentido, o Concílio afirma que a igreja, fiel à própria tradição, pode entrar em comunhão com as diversas formas de cultura.[31] O Concílio Vaticano II estabeleceu a base sobre a qual se seguiram profundas transformações na Igreja Católica em todo o mundo, bem como as idéias básicas da inculturação.

À luz do Vaticano II, realizou-se em Medellin, Colômbia, em 1968, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, que procurou desenvolver uma visão integral do povo latino-americano. As três principais áreas abordadas foram: a promoção humana em direção à justiça e paz, a necessidade de adaptação na evangelização e na fé e a reforma da igreja e de suas estruturas.[32]

No Sínodo sobre a "Evangelização no mundo contemporâneo", realizado em 1974, um grande número de bispos considerou insuficientes as teses missiológicas da adaptação e acomodação. Em 20.10.74 os bispos da África e Madagascar declararam que o problema da aculturação religiosa produziu um Cristianismo insuficientemente encarnado e vivido. A África reclamava, assim, uma certa autonomia para as Igrejas locais e a indigenização do Cristianismo, a reexpressão autenticamente africana.[33]

[27] Ibid., op. cit., p. 169-74.
[28] KLOPPENBURG, Boaventura. Compêndio do Vaticano II. 15. ed. Petrópolis, Vozes, 1982, p. 46.
[29] SUESS, op. cit., p. 117.
[30] KLOPPENBURG, op. cit., p. 380.
[31] Ibid., Cf. Moeller, Charles. *A promoção da Cultura*. A Igreja no mundo de hoje, p. 210.
[32] SCHERER, James A. ... *That the Gospel may be Sincerely Preached Throughout the World*. LWF Report, Stuttgart, 11/12, nov. 1982, p. 167.
[33] SUESS, op. cit., p. 108-9.

Paulo VI, motivado por esse Sínodo, produziu a exortação apostólica Evangelii Nuntiandi, em 1975, que tornou a evangelização uma atividade de grandes prioridades para o Catolicismo contemporâneo e afirmou que o evangelho não é idêntico à cultura, mas que deve permear todas as culturas (EN 20), e que a evangelização considera a vida pessoal e social no presente mundo (EN 29).[34]

Mas foi na IV Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos, em 1977, que a palavra **inculturação** foi introduzida, pela primeira vez, numa aula sinodal, pelo cardeal Sin, de Manila. Depois, João Paulo II a retoma, em 1979, ainda com uma certa indefinição entre aculturação, inculturação e encarnação, em sua exortação apostólica Catechesi Tradendae, e em muitas alocuções posteriores.[35]

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla de los Angeles, México, em 1979, reafirmou e expressou preocupação pela cultura, ao falar da evangelização da cultura:

> *A fim de desenvolver sua ação evangelizadora com realismo, a Igreja há de conhecer a cultura da América Latina. A Igreja, quando anuncia o Evangelho e os povos acolhem a fé, neles se encarna e assume suas culturas. A Igreja se esmere por adaptar-se, realizando o esforço de transvazamento da mensagem evangélica para a linguagem antropológica e para os símbolos da cultura em que se insere.* [36]

A partir desses exemplos, vê-se o desenvolvimento da preocupação pela cultura e das tentativas para expressar a necessidade de a Igreja Católica contextualizar-se, inserir-se no ambiente e na cultura a que visa evangelizar, inculturar-se de acordo com a cultura à qual se dirige. Toda a estrutura católica de inculturação está baseada na encarnação de Cristo, o que é expresso pelos excertos destacados acima, que exprimem a inculturação no esquema assim/como. Por isso, o termo encarnar-se tornou-se sinônimo de inculturar-se.

Igrejas protestantes:

Nas igrejas protestantes, a preocupação com a cultura e o seu relacionamento com a obra da evangelização remonta ao século passado, com o princípio do *three-self: self-government, self-support, self-propagation* (autogoverno, auto-sustento e autopropagação). O autor desse princípio foi Rufus Anderson, congregacionalista americano, que mencionou os três

[34] SCHERER, op. cit., p. 162-5.
[35] SUESS, op. cit., p. 109.
[36] Evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo, Paulinas, 1979, p. 188-9.

princípios em conjunto, pela primeira vez, em 1841. Após ele, Henry Venn e John L. Nevius usaram o mesmo conceito.[37]

Esse conceito destacava a necessidade de os cristãos nativos convertidos assumirem, o mais cedo possível, o governo da igreja e de mantê-la com as suas ofertas, bem como serem testemunhas do Salvador desde o momento de sua conversão. Para tal, tornava-se imprescindível um pastorado nativo.[38]

A IV Assembléia do Concílio Mundial de Igrejas, reunida em Uppsala em 1968, tornou-se um marco divisório na atividade missionária das igrejas. Até essa data, de modo geral, a Palavra de Deus era levada aos povos em moldes europeus. Uppsala propôs uma renovação nas estruturas missionárias e consolidou a ênfase na missão divina.[39]

A Assembléia da Comissão sobre a Missão Mundial e Evangelização, realizada em Bangkok em 1973, levantou uma série de questões sobre o problema cultural na proclamação do Evangelho, dando destaque ao fato de que a resposta ao amor divino é modelada pelo contexto em que vive o povo evangelizado.[40]

O I Congresso Internacional de Evangelização Mundial, realizado em Lausanne, Suíça, de 16 a 25.07.74, reuniu 2.700 participantes oriundos de mais de 150 nações. O relacionamento entre cultura e evangelização foi expresso no documento elaborado nesse Congresso, conhecido como o Pacto de Lausanne, que alertou para o perigo de impor, junto com o Evangelho, uma nova cultura ao povo evangelizado.[41]

A V Assembléia do Concílio Mundial de Igrejas em Nairobi, Quênia, 1975, tratou do evangelismo mais em seu aspecto meramente social, com grandes tendências à teologia da libertação. Uma de suas sessões tratou da identidade cultural, e conclamou as Igrejas a confessarem e proclamarem todo o Evangelho para a pessoa toda em todo o mundo por todas as igrejas.[42]

Entre 6 e 13.01.78, foi realizada em Willowbank, Somerset Bridge, Bermudas, uma Reunião de Consulta patrocinada pelo Grupo de Teologia e Educação de Lausanne, para examinar a questão Evangelho e Cultura. O enfoque dado foi a contextualização da Palavra e da igreja na situação

[37] SEIBERT, Egon Martim. *The Three-Self Mission Approach* In: The Context of the Igreja Evangélica Luterana do Brasil. St. Louis, Concordia Seminary, 1989, p. 5-7. (Dissertação de mestrado).
[38] Ibid., p. 24-6.
[39] SCHERER, op. cit., p. 89-91.
[40] Ibid., p. 94-5.
[41] GRAHAM, Billy et alii. O Congresso de Lausanne - A Missão da Igreja no Mundo de Hoje. José Gabriel Said, trad. São Paulo/Belo Horizonte, ABU/Visão Mundial, 1982, p. 244-5.
[42] SCHERER, op. cit., p. 97-102.

missionária.[43] Como resultado dessa reunião, foi elaborado o documento *O Evangelho e a Cultura* que, em sua conclusão, afirma a necessidade e importância da contextualização:

> *Nossa Consulta não nos deixou nenhuma dúvida quanto à penetrante importância da cultura. A redação e leitura da Bíblia, a apresentação do Evangelho, a conversão, a Igreja e a conduta - tudo isso é influenciado pela cultura. É essencial, portanto, que todas as Igrejas contextualizem o Evangelho a fim de partilharem-se eficazmente em sua própria cultura. Para essa tarefa de evangelização, todos nós conhecemos a nossa urgente necessidade do ministério do Espírito Santo. Ele é o Espírito da Verdade, que pode ensinar a toda a Igreja como relacionar-se com a cultura que a envolve. Ele é também o Espírito de amor, e o amor é a linguagem que toda a cultura humana compreende.*[44]

Outra Consulta sobre a Evangelização do Mundo foi realizada em Pattaya. Tailândia, em junho de 1980, onde se refletiu criticamente sobre o significado da cultura e mostrou-se a importância de sermos sensíveis na apresentação do evangelho dentro do contexto local.[45]

O tema **contextualização** continuou na pauta das atividades missionárias das igrejas durante a década de 80. No final dessa década, dois grandes encontros reafirmaram sua necessidade. O Concílio Mundial de Igrejas realizou sua Conferência Mundial sobre Missão e Evangelização em San Antonio, Texas, USA, nos dias 22.05 a 01.06 89, abordando o tema Evangelho e Cultura em cada uma de suas palestras e sessões.[46]

O outro grande encontro realizado no mesmo ano, nos dias 11 a 20.07, foi o II Congresso Internacional de Evangelização Mundial, em Manila, Filipinas, conhecido como Lausanne II. O tema do Congresso foi *Proclamemos Cristo até que ele venha*, com o subtema: *Convocando a igreja toda a levar o Evangelho todo ao mundo todo*. Esse Congresso reuniu mais de 4 mil participantes de 190 países.[47] No *Manifesto de Manila* é reafirmado o compromisso com o Pacto de Lausanne e a necessidade de a Igreja estar atenta à cultura ao proclamar o Evangelho, e que o evangelismo ocorre em um contexto, não no vácuo. O equilíbrio entre Evangelho e contexto deve ser mantido, pois devemos entender o contexto para que ele não distorça o

[43] O Evangelho e a Cultura, op. cit., p.34.
[44] Ibid., p. 50.
[45] QUIROZ, Pedro Arana. *Declaracion de Tailandia. Teologia en el Camino*. Lima, Presencia, 1987, p. 89-98.
[46] STOCKWELL, Eugene L., ed. International Review of Mission, Geneva, 78 (311/312) jul./out. 1989.
[47] LANGE, Ari. *Lausanne II*. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, 72 (8) ago. 1989, p. 12. Id. *Lausanne II*. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, 72 (10) out. 1989, p. 15-6.

evangelismo.[48]

Nota-se, assim, a crescente preocupação com o relacionamento entre evangelho e cultura e com a necessidade de levar em conta a cultura ao se realizar a obra da missão. **Contextualização** foi a palavra chave na década de 70, e orientou, de modo especial, o Fundo de Educação Teológica (FET), do Conselho Missionário Internacional.

> *O ponto central da atuação do FET... foi a inovação que trouxe, introduzindo outro novo conceito para a educação teológica e para a teologia em geral. Tratava-se de contextualização. O termo foi criado na Igreja Presbiteriana de Taiwan e tornou-se um conceito-chave na compreensão teológica e na evolução do conceito de indigenização. A contextualização foi aplicada em uma redefinição nas áreas missiológicas, estruturais, teológicas e pedagógicas.*[49]

O termo foi introduzido no FET por seus diretores, Shoki Coe e Aharon Sapsezian. O relatório do FET do ano de 1972, *Ministério e contexto*, sugeriu que:

> *Contextualização dá a entender tudo quanto está envolvido no termo familiar indigenização, mas procura abrir caminhos além dele, para levar em conta o processo da secularidade, da tecnologia e da luta pela justiça humana que caracterizavam o momento histórico das nações no Terceiro Mundo.*[50]

Igrejas Luteranas

Federeção Luterana Mundial

Desde a fundação da Federação Luterana Mundial (FLM), na sua I assembléia geral realizada em Lund, no ano de 1947, já era manifesta a preocupação com a criação de igrejas auto-sustentáveis, autogovernáveis e autopropagáveis. O lema dessa Assembléia destacava sua preocupação com a necessária atuação da Igreja para com o mundo: A Igreja Luterana no mundo de hoje.[51]

A II assembléia realizada em Hannover em 1952, expressou a necessidade de as Confissões Luteranas serem usadas a serviço da igreja como exposição clara e verdadeira do Evangelho que levaria os outros a confessar o mesmo Cristo em seu lugar e época e em sua língua.[52]

[48] *El Manifesto de Manila*, Lausanne II in Manila - International Congress on World Evangelization - July 11-20, 1989, p. 4, 16. (Xerox de material não-publicado).
[49] LONGUINI, Neto Luiz. *Educação Teológica Contextualizada*. São Paulo, ASTE/Ciências da Religião, 1991, p. 71, 115.
[50] NICHOLLS, Op. cit., p. 17-8.
[51] SCHERER, Op. cit., p. 188-9.
[52] Ibid., p. 191.

Na VI assembléia da FLM, reunida em Dar es Salaam, em 1977, decidiu-se dar atenção ao ministério e ao culto no programa do Departamento de Estudos da Federação. Como resultado, foi elaborado o livro A Lutheran Agenda for Worship, que aborda a questão da indigenização do culto com o objetivo de torná-lo acessível e compreensível, contextualizando-o de acordo com a cultura do povo e do contexto em que a igreja está inserida.[53]

Igreja Luterana - Sínodo de Missouri

Apesar de o conceito missionário do ***theree self*** não ser de origem luterana, era conhecido e posto como alvo também pela ***The Lutheran Church - Missouri Synod*** (LCMS) que, através de seu Departamento de Missões Estrangeiras, sempre afirmou que após fazer discípulos e reuni-los, o objetivo seria de tornar a igreja local autogovernável, auto-sustentável e autopropagável.[54]

Uma das características da LCMS, no período compreendido entre o final da Guerra Civil e a I Guerra Mundial, foi o isolamento do ambiente cultural em que estava inserida, intensificado pelo fato de a maioria de seus membros residirem em áreas rurais e pelo uso generalizado da língua alemã.[55]

Esse isolamento começou a ser vencido com o uso da língua inglesa nas atividades da igreja. Um grupo de pastores de Ohio iniciou a publicação do *The Lutheran Witness* em 1882 que, após quatro meses de publicação, já contava com 1.400 assinantes. Mas a batalha maior entre a língua inglesa e a alemã ocorreu em nível de escola paroquial. Com muita relutância, as congregações permitiram o uso de mais inglês na instrução, pois viam na escola um instrumento para preservar a língua e a cultura alemãs. O impacto da I Guerra Mundial auxiliou a acelerar a mudança da língua alemã para a inglesa.[56] A partir dessa mudança lingüística, a LCMS começou a envolver-se na vida social de seu país.

Apesar de a LC-MS não estar isolada de seu contexto norte-americano, mas envolvida na vida do país e consciente das contribuições que tem a fazer para a vida nacional, seu envolvimento com outras culturas ocorreu principalmente com o início das missões estrangeiras em vária partes do mundo. Através da International Lutheran Conference (ILC), atualmente Conselho Luterano Internacional, passou a discutir meios efetivos de levar a efeito a missão da igreja, estando aberta às diferenças culturais das diversas igrejas que pertencem ao Conselho, e procura orientar e partilhar experiências de como proclamar a Palavra de Deus de modo relevante.

[53] *O Culto Cristão* - Material de Estudo do Departamento de Estudos da Federação Luterana Mundial. Getúlio Bertelli, trad. São Leopoldo, Sinodal, 1982, p. 10.
[54] Apud. SEIBERT, op. cit., p. 4.
[55] MEIER, Everette e MAYER, Herbert T. *The Process of Americanization. Moving Frontiers*. Carl S. ed. St. Louis, Concordia, 1964, p. 344.
[56] Ibid., p. 360-1.

Neste sentido, Won Yong Ji apresentou, na XIII reunião da ILC, realizada em Seul, Coréia do Sul, em 1989, um ensaio sob o tema: "Proclamando a Cristo numa era pluralista".[57]

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

No Brasil, as Igrejas Luteranas seguiram um caminho semelhante ao da LCMS: de um primeiro momento de isolamento, passaram a se integrar à cultura nacional a partir do uso do português.

A Igreja Luterana inicia suas atividades no Brasil com a vinda de imigrantes que são, na maioria, trabalhadores rurais oriundos das regiões mais pobres da Alemanha: o Hunsrück e a Pomerânia.[58] As leis de colonização criaram as condições externas para sua existência numa espécie de gueto cultural no Brasil. A mentalidade desses colonos era expressa pela frase: "Wir wollen unter unsren Leuten bleiben".[59] A mesma situação era verificada com relação à igreja. O primeiro presidente do Sínodo Rio-grandense, Wilhelm Rotermund, declarou: ***"Deutschtum und Evangelium sind auf Leben und Tod miteinander verbunden"***.[60]

No acordo relativo à filiação do Sínodo Evangélico-Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados do Brasil à Federação Evangélica Alemã de Igrejas, ficou estabelecido que o ***idioma eclesiástico do Sínodo Evangélico-Luterano é o alemão***. Ele deve ser energicamente cultivado, preservado e fomentado na pregação da Palavra, no ensino eclesiástico e na cura d'almas.[61]

Influenciados pela experiência da II Guerra Mundial, os quatro sínodos que viriam a constituir a IECLB iniciaram uma nova era, determinada por uma reorientação teológica da igreja, abandonando o antigo conceito de missão da igreja que, muitas vezes, levara a uma perigosa relação entre Evangelho e germanidade. Superam-se, desse modo, os últimos resquícios de uma igreja alemã no exterior.[62]

No I Concílio Eclesiástico da Federação Sinodal formada pelos quatro sínodos, realizado em São Leopoldo, nos dias 14 a 16.05.50, foi aprovado o seguinte artigo da Ordem Fundamental da Federação Sinodal: ***A Federação Sinodal é Igreja de Jesus Cristo no Brasil em todas as conseqüências*** que daí resultarem para a pregação do Evangelho nesse país e a corresponsabi-

[57] JI, Op. cit., p. 231.
[58] DREHER, Martin. *Transformações do Luteranismo Brasileiro. Estudos Teológicos*. São Leopoldo, 24 (1) 1984, p. 19.
[59] DRESSEL, Heinz. *A Igreja Evangélica face ao Desafio Brasileiro. Ensaios Luteranos - Dos Primórdios aos Tempos Atuais do Luteranismo no Brasil*. Joachim Fischer, org. Walter O. Schlupp, trad. São Leopoldo, Sinodal, 1986, p. 114.
[60] Apud. DRESSEL, Id., p. 115.
[61] Apud. DREHER, Martin. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo, Sinodal, 1984, p. 200.
[62] Ibid., p. 245-6.

lidade para a formação da vida política, cultural e econômica de seu povo.[63]

Dois anos após, era lançado o Manifesto de Curitiba, no qual a IECLB falava da responsabilidade que sentia em relação ao país, afirmando que a igreja deve dirigir-se ao homem como um todo, não só à sua alma e que essa atuação ***terá conseqüências e implicações em toda esfera de sua vivência - inclusive física, cultural, social, econômica e política.***[64]

Igreja Evangélica Luterana do Brasil

Na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), a atenção à cultura brasileira é, pode-se dizer, um assunto que nasceu com a própria igreja. Um dos primeiros missionários vindos ao Brasil, J. Hartmeister, ao relatar sobre a criação do Instituto Bom Jesus, hoje Seminário Concórdia, declarou que a vontade de treinar um ministério nativo veio com ele do Seminário de St. Louis.[65]

Desde o início de sua atividade no Brasil, a IELB esteve atenta às condições reinantes no país. Uma das grandes bênçãos de Deus para a IELB foi a necessidade de, com a I Guerra Mundial, ser usada a língua portuguesa nos cultos e mensagens proferidas pela igreja. Isso a levou a se aculturar com mais facilidade. Nessa época, também foi iniciada a missão luso-brasileira em Lagoa Vermelha (RS).[66]

Com a Guerra, também foi proibida a publicação do *Evangelisch Lutherisches Kirchenblatt fuer Suedamerika*, e iniciada a publicação de *O Mensageiro Christão*. O primeiro número foi editado em 25.12.17, e o primeiro artigo dessa primeira edição incentivava pastores e professores a usar a língua portuguesa. Na mesma edição, contava a notícia de que o Rev. Frosch havia completado a tradução de diversas "formas para atos sagrados".[67]

A passagem da língua alemã para a portuguesa foi difícil apenas nos primeiros anos. Com a formatura de pastores nascidos aqui no Brasil e que desde a infância haviam tido contato com a língua nacional, consolidou-se essa transição. Não houve, abertamente, uma fixação muito grande na cultura e língua alemãs, como ocorreu na IECLB.

O tema **contextualização** surge, pela primeira vez, nos escritos oficiais da IELB, no ano de 1974. O *Lar Cristão* desse ano reproduz a aula inaugural proferida em março de 1973 na Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia pelo Prof. Oswaldo Schueler, na qual justifica a inclusão do estudo das Ciências

[63] Ibid., p. 252. (Grifo do autor).
[64] DREHER, *Transformações do Luteranismo Brasileiro*, op. cit., p. 26.
[65] Apud. SEIBERT, op. cit., p. 3.
[66] WARTH, Carlos H. Crônicas da Igreja. Porto Alegre, Concórdia, 1979, p. 40.
[67] MUELLER E[mílio]. *Uma Necessidade*. O Mensageiro Christão, Porto Alegre, 1 (1) 25 dez. 1917, p. 1

Sociais no currículo do Seminário:

> *As ciências sociais obrigam o teólogo a lhes dar tratamento teológico, contextualizando a sabedoria revelada, atualizando a temática de nossos sermões e criando o hábito do diagnóstico espiritual em nossos futuros curas de almas. O estudante de teologia habituado a fazer a leitura do tempo na história da filosofia, na cultura brasileira, na sociologia, e na história da cultura, está munido dos instrumentos necessários para aplicar no seu futuro pastorado a teoria a situações concretas. A leitura do tempo permitirá ficarmos à altura do tempo. A Igreja não pode transformar-se num centro de tradições.*
>
> *A periferia e a marginalidade não convêm a um Cristianismo que deseja ser luz, sal e fermento do seu povo, do seu tempo, da sua cultura. Para bem receitar é preciso saber bem diagnosticar. Os estudos sociais no currículo de um seminário teológico, resumem-se a um grande diagnóstico das enfermidades espirituais do século em que vivemos, habilitando-nos a receitar adequadamente a fé, a esperança e a caridade.*[68]

Em tempos mais recentes, um grande número de artigos nas publicações oficiais da igreja têm-se referido, direta ou indiretamente, ao tema **contextualização**,[69] o que demonstra a preocupação da IELB em ser relevante no contexto cultural brasileiro.

A IELB E SUA AÇÃO MISSIONÁRIA CONTEXTUALIZADA

O mundo ao qual a igreja é enviada a pregar as boas-novas da salvação em Cristo é um mundo em rápidas e constantes transformações. A industrialização e a tecnologia têm trazido avanços nunca vistos. Os meios de comunicação levam informações por todo o mundo em instantes.

Como pode a Igreja estar atenta a essas transformações e acompanhá-las? Como continuar apresentando de modo relevante a Lei e o Evangelho, exercendo assim o *ministério da reconciliação?* A resposta que o presente estudo procura oferecer é que a contextualização é um auxiliar útil nesse confronto com o mundo moderno. Mas a igreja também corre riscos e enfrenta

[68] SCHUELER, Oswaldo. *A Leitura do Tempo*. Lar Cristão 1974. Porto Alegre, Concórdia, 1974, p. 104, 106, 108.
[69] P. ex.: HOFFMANN, Martinho Lutero. *Missão Cristã - Comissão Humana*. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, 71 (1): 35, jan. 1988. LEHENBAUER, Oscar. *Um Chamado à Renovação no Luteranismo*. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, 71 (6) : 15-6, jun. 1988. HORSCH, Hans. *Vista para novos horizontes*. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, 73 (6) :35, jun. 1990. HÜBNER, Irmo A. *Igreja: o compromisso de pensar o amanhã*. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, 74 (2/3) :5-9, fev./mar. 1991. MARQUARDT, Rony Ricardo. *Contextualização - O Desafio de Falar de Deus ao Nosso Tempo*. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, 74 (11) :5-8, nov. 1991.